

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LISBOA, CAPITAL DA INTRIGA INTERNACIONAL
7 de março de 2026

ÇA VA ÊTRE TA FÊTE/PASSAPORTO FALSO / 1960
(*Eddie em Lisboa*)

Um filme de Pierre Montazel

Realização: Pierre Montazel / *Argumento:* Norman Krasna, Pierre Montazel, Clarence Weff / *Produção:* Véra Belmont / *Música:* André Hodeir, Hubert Rostaing, Martial Solal / *Direção de Fotografia:* Michel Kelber / *Montagem:* Raymond Lamy / *Design de Produção:* Eugène Roman / *Gestão de Produção:* Armand Bécue / *Engenharia de Som:* Jean Bertrand / *Interpretações:* Eddie Constantine (John Jarvis), Barbara Laage (Michèle Laurent), Stefan Schnabel (Bragarian), Claude Cerval (Secret Services Director), Saro Urzì (Alvarez), Norma Burgo (Hélène), Clarence Weff (Killer) / *Cópia:* Digital, a preto-e-branco, falado em italiano com legendagem eletrónica em português / *Duração:* 80 minutos / *Estreia Mundial:* 22 de dezembro de 1960, República Federal Alemã / *Estreia Nacional:* 28 de abril de 1961 / *Primeira passagem na Cinemateca.*

Aviso: a presente cópia digital apresenta uma qualidade de imagem pouco consonante com os padrões exigidos e esperados na Cinemateca Portuguesa. No entanto, a raridade do título e a indisponibilidade de uma cópia melhor justificam a exibição do filme neste suporte.

Na impossibilidade de projetarmos em condições uma cópia no francês original, cujo título é **Ça va être ta fête**, exibimos esta versão dobrada pelos coprodutores italianos do filme, intitulado **Passaporto falso**.

O primeiro motivo de interesse deste filme, além do modo como a cidade de Lisboa é feita palco da intriga internacional (já lá vamos), diz respeito à mescla de estilos cinematográficos que é levada a jogo. Pierre Montazel foi um importante diretor de fotografia do “velho” cinema francês, conotado com uma certa “Tradição da Qualidade” controvertida nesses anos sob o efeito de obras-bandeira da Nouvelle Vague tais como **Les quatre cents coups** (1959) e **À bout de souffle** (1960). Montazel trabalhou com Marcel L’Herbier, Henri Decoin, Jean Delannoy e, apesar de tudo, um dos mais amados da velha geração pela nova “a brotar”, Jacques Becker.

Apetece, de facto, começar por convocar a memória de Jacques Becker, com quem Montazel colaborou, tendo participado na rodagem do magnífico filme de *gangsters* **Touchez pas au grisbi** (1954). Em certo sentido, tal como este filme de Becker, **Passaporto falso** não necessariamente “olha para trás”, reabilitando um género (o *polar*), mas, antes, propõe-se andar, em desequilíbrio, numa corda bamba, entre o passado e o presente, neste caso, entre um velho e um novo cinema. Apesar da dimensão popular e da intriga “de cordel” algo linear, as marcas da Nouvelle Vague estão por todo o lado: além da própria decisão de “invadir” os cenários naturais lisboetas e a opção por uma banda sonora jazzística, a montagem (ela própria bem *jazzística*) apresenta-se cravejada de saltos ou *jump cuts* em certas sequências, nomeadamente a de uma inusitada perseguição sob o efeito de soporíferos, que avança, recua, até ao ponto da alucinação, sendo, enfim, paradigmática do uso inventivo de um típico *tropo* de montagem da Nouvelle Vague.

Passaporto falso (também conhecido, no seu título francês, como **Ça va être ta fête**), é uma produção italo-francesa, com um elenco mesclado, liderado pela estrela francesa Barbara Laage,

o carismático ator alemão Stefan Schnabel (um fotógrafo que parece um vilão da saga 007 por empunhar como arma mortífera uma câmara de fotografar onde esconde um revólver de muito pequena dimensão), o extraordinário Saro Urzì, uma das forças da natureza do cinema italiano, e, claro, no centro da ação está o americano e multifacetado Eddie Constantine, que cinco anos depois trabalharia com Jean-Luc Godard na sua distopia *neo-noir* **Alphaville** (1965) e que até então ganhara fama entrando em inúmeros filmes série B de espionagem e de ação, nomeadamente na pele de uma personagem que nunca deixou de assombrar a sua presença *on screen* (pelo menos até trabalhar com Rainer Werner Fassbinder...). Daí que, mesmo respondendo pelo nome John Jarvis, um agente do FBI à procura de um outro agente secreto chamado Mark Lemoine, cuja existência *de facto* começa a ser posta em xeque a dado momento na intriga, Eddie Constantine ainda interpreta aqui – ainda lhe está presa à pele – a personagem que o celebrizou junto do grande público: Lemmy Caution. Aliás, não é acidental que o filme tenha sido distribuído em Portugal com o título “Eddie em Lisboa”.

Assim, Constantine continua a carregar o charme da sua eterna personagem de filmes de ação e intriga. E carrega esse charme, desde logo, no sorriso, o que é objeto de alguma paródia neste filme, nomeadamente quando John Jarvis é descrito pelos capangas que o perseguem, enquanto este se perde na procura por uma... miragem (será Lemoine o próprio John Jarvis?), como um detetive conhecido por “um sorriso que agrada às mulheres”. Há inclusive um momento, tipicamente “nouvelle vagueano”, em que o ator olha para a câmara disparando o seu sorriso ao espectador. Um instante de “regard caméra” digno de um cinema já sob o efeito de Truffaut ou Godard.

O percurso do protagonista pela cidade tem o seu quê de turístico, destacando-se uma visita ao Mosteiro dos Jerónimos, uma briga em Alfama, uma excursão nos arredores de Lisboa, uma passagem pelo Padrão dos Descobrimentos, etc. Mas a mais reveladora sequência a este nível acontece no confinamento de uma avioneta que sobrevoa descontroladamente a cidade de Lisboa. O nosso herói procura dar conta da tarefa – missão impossível? – de fazer aterrar um aparelho cujo destino parece ser a morte certa. Ao mesmo tempo, esta sequência de alguma tensão (uma tensão, como já terei deixado claro, bastante *blasé*) serve de pretexto para mostrar planos aéreos da cidade. Um momento de vertigem em que a cidade representada (não) rima com a cidade que nos acolhe aqui, neste lado da vida, depois das luzes da sala se acenderem... tal como o protagonista (não) rima com a identidade do agente que o próprio persegue? Os jogos de espelhos estão por todo o lado neste filme e neste Ciclo. E é isso que diverte em **Passaporte falso**: o modo lúdico como desmonta os clichés dos filmes de espionagem, os títulos do género com ou sem Eddie.

Luís Mendonça